



Sou idiota,  
mas não sou burro  
*Sardinha*

## [1] Sobre eu mesmo

### “O que é citoplasma?”

Tenho nove minutos para responder. O que é citoplasma? Acertando ou não a resposta, entrego esta prova de Ciências para o professor e entro em férias.

“Que sortudo”, você pensa agora. “Só mais nove minutos e ele vai ter todo o mês de julho pela frente para se divertir, encontrar os amigos...” Sor-tudo nada. Nunca faço nada de interessante nas férias. Não sou o cara mais popular desta escola, nem do prédio onde moro. Não sou sócio de clubes nem craque em algum esporte. Aí lhe pergunto: sobra o quê? Isso mesmo: nada. Nada, a não ser ficar o tempo inteiro mofando em casa. Todo santo ano é assim. Não se precipite, no entanto, achando que sou preguiçoso ou derrotista. Detesto não ter nada para fazer. O fato é que, nesses anos todos, nunca consegui ter nenhuma idéia brilhante que me indicasse uma saída. Além do mais, a hora não é boa para discutirmos o assunto. Afinal, você sabe muito bem que preciso explicar que diabos é citoplasma para entregar esta maldita prova e, só neste nosso papo, já se passaram dois minutos.

O que é citoplasma? Pensando melhor, sete minutos é tempo de sobra para responder. Posso acabar de me apresentar a você, não acha? Bem rápido, garanto.

Além de nunca ter nada para fazer nas férias, sou gordo e me chamo Sardinha. Vai, pode rir. Todo mundo ri mesmo, você não será o primeiro. Agora, sem querer interromper sua tiração de sarro sobre a minha pessoa, quero esclarecer que meu nome não é Sardinha. Tipo Sardinha da Silva ou Sardinha dos Santos. Não. Também não pareço uma sardinha. Sardinha é meu sobrenome. O nome é André. André Sardinha. “Ué? Então por que não chamam você de André?” Imagino que, a esta altura, você já percebeu que não sou o cara mais sortudo do mundo, não? Pois é. Na minha classe tem quatro Andrés. O primeiro, esse fortão sentado duas cadeiras à minha frente, é chamado simplesmente de André. O loirinho ao lado dele, o segundo André, é conhecido por Dedé. Lá na frente da sala, bem perto do professor, aquele cara de óculos é o terceiro André. O Deco. Como deve ter notado, todas as possibilidades de apelidos para um André se esgotaram nos três. Para o quarto André – no caso, eu – sobrou o sobrenome. E meu sobrenome é Sardinha. (Por esse motivo, prometi a mim mesmo um dia propor às escolas que, no futuro, limitem a três o número de Andrés por classe. Mas isso é outra história.) Enfim, já tive bastante raiva do meu pai por causa disso, é claro. Afinal, ele poderia ter um sobrenome mais bacana. Nem precisava ser muito pomposo, como Rotschild ou Trump. Algo bem comum, um Mendes ou Arantes, já estava bom demais. Mas não. Tinha que ser Sardinha. Um dia, contudo, a raiva passou. Percebi que ele também é Sardinha – Douglas Sardinha – e, como eu, deve agüentar muitas piadas. (Mesmo assim, duvido que existam mais três Douglas no trabalho dele.)

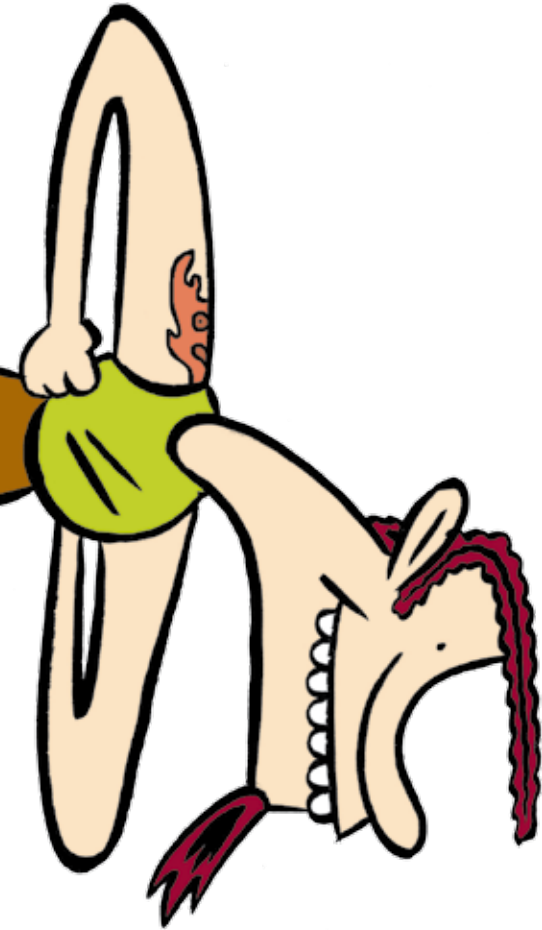
Para finalizar, gostaria de me distanciar o máximo possível da imagem de gordinho engraçado. Sei que as pessoas têm a tendência de achar que todo gordinho é engraçado. Mas eu não. Sou só gordinho mesmo. Inclusive, não vejo graça nenhuma nisso. As meninas não se interessam pelos rechonchudos, você deve estar careca de saber. Nas aulas de Educação Física, também não é nenhuma novidade que nós, gordinhos, não apresentamos desempenhos dos mais memoráveis. E então? Por que eu deveria ficar rindo feito idiota? Só se tivesse vocação para bobo da corte. E isso, meu amigo, pode ter certeza de que não tenho. Volto a repetir: não vejo graça nenhuma em ser gordo. (Minha mãe fala para eu não me preocupar, pois estou em fase de crescimento. Logo, logo, fico mais magro. Digo a ela que o único crescimento que observo em mim mesmo é o da minha barriga. Ela não responde, só ri. Do que ela ri? Não faço idéia. Aposto que me acha um gordinho engraçado. Minha vida realmente não é nada fácil. Nada fácil.)

Quatro minutos. Vamos lá. O que é citoplasma? Peraí! Como sou desligado! Por pouco não me esqueço de que o motivo de tudo isto aqui é lhe contar que, desta vez, não passarei as férias mofando em casa. “Não acredito!” você provavelmente está gritando. “Esse Sardinha passa três parágrafos se lamuriando de nunca fazer nada nas férias para, no fim das contas, revelar que desta vez será diferente?” Calma aí. Por acaso eu falei que vai ser bom? Que estou animado? Que arranjei um programa bacana? Falei? Não. Não falei. Então pare de implicar comigo e deixe-me explicar.

Como ia dizendo, desta vez não passarei as férias enfurnado em casa. A história é a seguinte. Meus pais decidiram tirar o mês inteiro de férias para



ir à Argentina. Uma “segunda lua-de-mel”, foi o que me disseram. “Viagem romântica para afugentar o estresse do dia-a-dia.” Ridículo, não? Também achei. E confesso ter soado como desculpa das mais esfarrapadas. No fundo, acredito que querem é descansar por um tempo de minha irmã menor, que vive enchendo o saco. (Talvez, neste exato momento, minha irmã esteja narrando a mesma história para alguém, mencionando que a viagem servirá principalmente para meus pais descansarem de mim, que vivo enchendo o saco. Você sabe: cada um monta os acontecimentos da vida como melhor lhe convém.) Reais motivos à parte, decidiram despachar a Natália para a casa de minha avó Nair, em Itapira. Natália é minha irmã. Acho interessante salientar o fato de ninguém chamá-la de Sardinha, ainda que seu nome seja Natália Sardinha. Esse também seria meu destino, se minha avó não reclamasse, dizendo estar muito velha para cuidar dos dois por tanto tempo. Logo, decidiu-se que apenas a Natália iria. Todo empolgado, rapidamente propus a minha mãe ficar aqui, em São Paulo, sozinho em casa. Afinal, sou praticamen-



te um homem feito e independente, argumentei. Já sei me virar. Mais uma vez, ela nada respondeu e soltou uma risada. Por que raios ela só ri de mim? Juro que não sei. Sempre que tento alguma discussão mais madura, ela ri. Coisa mais irritante. De qualquer modo, dois dias depois meu pai comunicou-me que eu passaria as férias na casa da irmã da vó Nair, a tia Carminha. Você não conhece a tia Carminha? Pois é, nem eu. (Meu pai disse que a conheci, sim, quando tinha dois anos. Só ele mesmo para imaginar que eu me lembraria.) Mas o pior ainda está por vir. Tia Carminha não mora em Itapira. Não. Mora em Diamantina. Também não sabe onde fica? Isso, pelo menos, agora eu sei. Fica em Minas Gerais, a 878 quilômetros daqui. Não escrevi errado, não. São oitocentos e setenta e oito quilômetros mesmo. Você tem noção de quanto tempo vou passar dentro do ônibus? Que roubada. Que roubada. Minha mãe ainda tentou me engambelar, dizendo que vou adorar Diamantina. “Cidade histórica.” Mas não sou burro, não. “Histórica” certamente quer dizer “parada no tempo”. Ou seja: nada de tevê a cabo, internet ou shopping center. Vou adorar, sim, mãe. Pode ter certeza.

E não pense que não tentei me safar. Passei duas semanas me autoconvidando para viajar com o Franco. Mas ele disse que a chácara da família em Araras estava lotada. Não tem problema,

retruquei. Levo um saco de dormir e durmo no chão mesmo. Sem frescura. Não colou. Que foi? Você quer saber quem é o Franco? O Franco é o Franco, oras. Meu melhor amigo. (Tá bom. Na verdade, meu único amigo.) É esse dentuço de cabelo arrepiado, bem aqui ao meu lado direito. Cabelo horrível, não? Cortou semana passada. Falei para ele que tinha ficado péssimo, parece uma ratazana eletrocutada. Nem ligou. Disse que todos os amigos de seu irmão de dezesseis anos usam o cabelo assim. É como as meninas gostam. Emendou perguntando quem era eu para falar do cabelo de alguém, já que colocavam uma tigela na minha cabeça na hora do corte. Cabelo tigela. Cabelo tigela uma ova. O Franco não entende nada. É um playboyzinho. Não sabe que nós, roqueiros, temos o cabelo comprido. Todo roqueiro tem cabelo comprido. O meu ainda não está tão comprido assim. Mas vai ficar. Vai ficar.

Bom, chega de conversa mole. Todo esse blá blá blá tomou muito tempo e agora tenho apenas um minuto. Preciso me concentrar na prova de Ciências. O que é citoplasma? Bom, o citoplasma... Deixe-me ver. Citoplasma é... Pense, Sardinha, pense... Citoplasma. O citoplasma nada mais é do que... Olha, quer saber de uma coisa? Eu não faço a mínima idéia do que é citoplasma. A mínima idéia. Vou entregar essa droga aqui em branco mesmo, e seja o que Deus quiser.